

No nosso tempo...

Written by Benedito
Monday, 24 November 2014 20:32 -

Somos uma espécie de maratonista, correndo contra o tempo,

mas chega um instante em que você já não tem



tanta preocupação assim com o pódio e acredita que terminar a prova já terá ficado de bom tamanho. Nada de brigar contra o tempo e ficar por aí dizendo: “no meu tempo era assim ou assado”. Vamos buscar fazer o circuito sem brigar com o tempo, antes, porém, agradecer a generosidade desse “senhor”, que dita as regras e sabe se devemos e podemos estar ali ou acolá.

É o tempo, que dizem, coloca as coisas nos seus devidos lugares; mas não é bom deitar numa rede e aguardar a arrumação do tempo. O tempo é determinante, até mesmo quando nos pegamos a pensar sobre o tempo passado e com os pés fincados no presente. Como o tempo futuro não é nosso, estamos no presente rebuscando algumas boas lembranças e resgatando o saudosismo. Eu, por exemplo, me vejo resgatando e colecionando lembranças, uma delas, de quando ia para o bairro “Cabeça de Boi”, à casa da dona Vitú, esposa de seu Juventino, funcionário da Prefeitura de Cuiabá, pai do cantor da noite, o Firmo.

No nosso tempo...

Written by Benedito

Monday, 24 November 2014 20:32 -

Bem! Tinha o livre-arbítrio de escolher o trajeto e passava por aquele cenário inesquecível, entre as chácaras do saudoso comerciante, seu Valeriano, e da vó do Leoni (Sapo) e do Ângelo, como diz a música “Saudades de Minha Terra”: Onde tinha lagoas e águas cristalinas... que doce lembrança...”. Que chácara, do seu Valeriano!, jamais poderia avançar no tempo e saber que ali seria tudo transformado. Passava próximo à casa do seu Barnabé, pai do centro avante Sebastião Barnabé; da mãe do Firmino, dito radialista Lucas Neto, de Toró, de Bertides, de Eduardo, entre outros; da dona Mariana, que deu origem ao nome popular ao Ivo da dona Mariana; do expedicionário da FEB, Bonifácio Cruz; do carpinteiro, seu Camargo, pai de Jaime, de Dézinho, de Arlindinho...

Isso me permite pensar no tempo presente que, provavelmente, seu Valeriano e o místico seu Ismael tenham sido amigos, dada a proximidade das suas propriedades naquela romântica Cuiabá de outrora. Confirmada as amizades, é possível acreditar que o tempo nos reservou a oportunidade e a generosidade de estarmos passeando pelos campos aonde esses inesquecíveis senhores, líderes familiares e suas respectivas esposas, espalharam sementes... e elas germinaram...

...reiteramos, nos oportunizando a convivência com o resultado desse “plantio” (desculpem-nos pela metáfora!). Filhos e filhas que se tornaram pessoas carismáticas e nos renderam agradáveis momentos, vida afora. Ainda ontem, avistamos algumas dessas boas sementes que germinaram em solo cuiabano, representados pelos Sigarini e pelo pessoal do seu Valeriano. Conversamos com Ginho (foto), um “gentleman”, sempre, à feição do saudoso Maurício, de Os Correios, de Adalberto; enfim, dessa gente bem educada e de um tempo em que os valores de família eram predominantemente cultuados. Estão aí e o tempo não nos deixa mentir, os Sigarini, pessoas incapazes de erguer a voz ou de proporcionar um bafão, cujas amizades têm sido preservadas ao longo dos anos por conta de velhos valores de família.

Dizia o sempre cavalheiro Ginho de Valeriano, hoje, um senhor sessentão, mas de rara educação, que “percorremos” Cuiabá e não fizemos um “pit stop” ali, na baixada da Fernando Corrêa, aonde é hoje a loja da Citavel.

No nosso tempo...

Written by Benedito

Monday, 24 November 2014 20:32 -

Ah! Que doce lembrança, do seu Valeriano e sua família; da dona Quina e das reuniões de fundo de quintal com o meu craque preferido, Caçula Sigarini e seus dribles mágicos. Pois é, o cavalheiro Ginho, vestindo aquela camisa estilosa do inesquecível Internacional, de João Benitez, se transformava e por vezes, tinha que espantar os atacantes, chegando junto e no meio dos caras. Aquele Internacional usava camisa igual do Vasco e tinha grandes jogadores, entre os quais o ex-prefeito de Chapada, Sebastião Treme-Terra e seu chute atômico; Churica; Chico Gabina, entre outros.

Foi um período de nossas vidas que se tornou inesquecível e, novamente, destaco que ainda ontem conversei com algumas pessoas que viviam e ainda vivem em um raio de 1,5 km e se juntavam, quase sempre, para o futebol, para o truco e mantinham uma relação de amizade eterna. Ainda hoje, jogam bocha, provavelmente, em parte da área que pertenceu ao finado seu Valeriano. Tive a oportunidade de conversar com um velho craque, com quem tive a feliz oportunidade de jogar, o Toninho Guimarães, filho do saudoso Higino Guimarães, uma espécie de lenda dombosquina. Tergiversava com Toninho sobre a possibilidade de alguns de nossos amigos do passado ter, muitos deles, a oportunidade de escrever capítulos diferentes de suas histórias pessoais, sem que tivessem que ser tragados pelas drogas ou pelo álcool? Como será que se aplica, de fato, o livre-arbítrio?

Ah! O Cine Serra, fora palco de tantas e tantas lembranças, onde levei a minha primeira namorada. É! Os brutos e os feios também amam.

Bem! Ontem já se tornou lembrança e devemos graças a Deus pela oportunidade da convivência com essas pessoas. Bom domingo a todos e, saiba, Ginho, que os cavalheiros, as pessoas educadas, as boas sementes que seu Valeriano, sua mãe; seu Ismael e esposa Quina espalharam por Cuiabá, elas germinaram e seguem frutificando.

Néia de Dona Menina e de seu Justino, bom dia, siminina! O que seria de nós sem a sua presença, para nos jogar para o alto e nos animar. Bom dia! É como diria Roberto Carlos: Ah! A Candinha... é uma brasa, mora!".